
10 anos de Amor & Sexo: onde foi parar a homofobia que estava aqui?¹

Maisa Regina BILENKI²
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Considerando os últimos 10 anos, são inúmeras as mudanças de pensamento e posicionamento de pessoas, marcas e organizações. Um dos grandes temas discutidos atualmente é o entendimento sobre as questões de gênero e sexualidade, que eram quase inexistentes há uma década. O Programa Amor & Sexo, da Rede Globo, serve como um espelho da sociedade nesse sentido, trazendo uma mudança intensa com relação ao comportamento, ao entendimento e à busca pela inclusão de pessoas LGBTI+.

PALAVRAS-CHAVE: Amor & Sexo; LGBTI+; comunicação; homofobia; televisão.

INTRODUÇÃO

O Programa Amor & Sexo está no ar, na Rede Globo, desde 2009. Apesar de ser um programa experimental e esporádico na grade de programação, é por tratar de um tema específico e tabu — a sexualidade humana — que ele permite uma análise da mudança vivida pela sociedade brasileira nos últimos 10 anos, que também acarretou em grandes mudanças na forma como o programa é construído e apresentado.

Conforme a Organização Mundial da Saúde, a sexualidade é “um aspecto central do ser humano e inclui o sexo, gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experienciada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações” (OMS, 2002). Muito além de falar sobre relações sexuais (o ato em si), pensar a sexualidade é estar atento a diversos fatores que formam o ser humano social, entre eles o biológico, psicológico, econômico, político, cultural, entre outros.

A sexualidade é um dos aspectos importantes para o entendimento da identidade pós-moderna. Conforme Hall (2006), a identidade tem sido considerada uma

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Pós graduanda do Curso de Sexualidade Humana: Educação e Terapia, da Universidade Positivo, e-mail: bilenkiregina@gmail.com.

“celebração móvel”, diferente do que se via antigamente, hoje é possível compreender que cada sujeito possui diferentes identidades, que não são fixas, essenciais ou permanentes. Neste sentido, as discussões e representações de diferentes expressões de sexualidades na mídia, ajudam também a construir uma noção de respeito e de entendimento da complexidade de um tema ainda tão pouco explorado.

AMOR & SEXO: FASES E FACES DE UMA SOCIEDADE EM MOVIMENTO

A sociedade moderna é caracterizada pela mudança constante, rápida e permanente (HALL, 2006). O que pode explicar como um programa de televisão mudou tanto a sua percepção sobre a temática da sexualidade em menos de 10 anos. O Amor & Sexo iniciou em 2009 com uma posição heterossexista e moralista sobre as vivências sexuais e os corpos. É possível dividir o programa em três fases distintas que compreendem basicamente: 1) de 2009 a 2012, quando foram ao ar as cinco primeiras temporadas; 2) de 2012 até 2016, entre a sexta e a nona temporada; e 3) a partir de 2017, da décima temporada.

Tabela 01: Datas de exibição do Programa Amor e Sexo.

Temporada	Episódios	Exibição Original	
		Estreia da temporada	Final da temporada
1ª fase	1ª	28 de agosto de 2009	06 de novembro de 2009
	2ª	01 de fevereiro de 2011	22 de março de 2011
	3ª	07 de julho de 2011	01 de setembro de 2011
	4ª	03 de novembro de 2011	22 de dezembro de 2011
	5ª	31 de janeiro de 2012	06 de março de 2012
2ª fase	6ª	06 de setembro de 2012	25 de outubro de 2012
	7ª	03 de outubro de 2013	19 de dezembro de 2013
	8ª	09 de outubro de 2014	18 de dezembro de 2014
3ª fase	9ª	23 de janeiro de 2016	02 de abril de 2016
	10ª	26 de janeiro de 2017	13 de abril de 2017
	11ª	09 de outubro de 2018	11 de dezembro de 2018

Fonte: Autora

Fase 1: invisibilidade, estereótipos e ridicularização

Durante as primeiras temporadas do Amor & Sexo, o programa foi pensado exclusivamente para entreter o público heteronormativo. A programação foi construída a partir de jogos que sempre buscaram trabalhar o binarismo de gênero e reforçar os estereótipos de masculino e feminino e seus papéis, bem como reforçar ideais monogâmicos e conservadores no que se refere à busca pelo “par perfeito”.

Pouco antes da estreia, Ricardo Waddington, o então diretor do programa deu uma entrevista³ dizendo que “o programa será para todos, inclusive a terceira idade [...] Será como um bate-papo na sua sala de jantar. Ninguém vai se sentir incomodado. Nosso maior objetivo é divertir”. Mas incomoda. Todas as falas dirigidas ao público pressupõem que ele é formado exclusivamente por pessoas heterossexuais. Quando uma mulher diz alguma coisa que serve como chamada de atenção vem logo com um “estão ouvindo, homens?”

Na primeira temporada, todos os programas encerram com uma “dica da semana” dada por um casal que fala sobre as estratégias para manter um relacionamento feliz. É nesta ocasião que aparecem dois casais homoafetivos, um de dois homens e outro de duas mulheres. No restante dos programas, a homoafetividade não é considerada em nenhum momento.

A partir da segunda temporada a cota para *gays* sempre esteve preenchida com o objetivo de marcá-los como “o diferente”. Surge, então o quadro chamado “Gayme”, onde intensifica-se o distanciamento entre gays e heterossexuais a partir de seu papel social. Neste quadro, três homens gays fazem parte de uma competição onde são colocados para fazer atividades “masculinas” como carregar coisas pesadas, praticar exercícios físicos, paquerar mulheres, entre outras coisas. Quando há um empate, a última prova é sempre abrir um sutiã com uma mão só.

Nos primeiros 3 anos no ar, o Amor & Sexo pode ser visto como só mais um programa da grade com a singela diferença de que nele está permitido falar sobre sexo — sendo unicamente levantadas questões sobre as relações heteroafetivas, convidados heteroafetivos e considerações binárias no que se refere aos papéis de homens e de

³ Disponível em: <<http://bit.ly/2YbzciE>> Acesso em 05 mai 2019.

mulheres.

No episódio transmitido em 8 de março de 2011, em uma discussão sobre bissexualidade com a atriz Mônica Martelli durante o quadro Strip Quiz, Fernanda Lima pergunta: “*mas bi não é só uma desculpa para não se assumir para o outro lado?*”. Em poucos segundos ambas concluem que para elas “*sentiu atração por outra mulher, levou outra mulher pra cama, é lésbica*”. Nesse episódio, acontece o que os movimentos de direitos LGBTI+ chamam de invisibilidade bissexual. Para Yoshino (2000), essa invisibilização pode acontecer por três fatores. O primeiro seria pelo desejo de esconder toda e qualquer manifestação de sexualidade, incluindo, nesse caso, homossexualidade e heterossexualidade também.

Outra possibilidade é a invisibilização por conta da vivência homoafetiva. “Na tradição cristã incluía [a homossexualidade como] ‘aquele pecado que não deveria ser nomeado nem cometido’.” (YOSHINO, 2000). Mas a causa mais provável para a negação da bissexualidade neste caso é a dificuldade de sair de um pensamento binário. Conforme o autor, quando se trata de leis, por exemplo, dificilmente se encontra o termo “bissexualidade” porque se privilegia o binário hetero/homo.

Em julho de 2011 o programa recebe Nelson Freitas, Rogéria, Jorge Fernando e Juliana Paes para um jogo e um papo sobre sexualidades divergentes. Logo no início do programa Fernanda apresenta todas as letras da sigla LBTT. Na apresentação simplista dos Ts, transsexuais viram pessoas que nascem no “corpo errado” e travestis são homens que se vestem de mulher ou mulheres que se vestem de homem, mas não sentem desconforto com a anatomia do seu corpo. O programa em questão só faz reforçar o que o senso comum diz, fazendo confusões conceituais e reproduzindo preconceitos, utilizando termos como “mudança de sexo” e “hermafroditas” quando falam sobre pessoas intersexuais. A própria apresentadora admite durante a edição que ainda precisa aprender muito sobre estas questões e o que salva determinados debates é a presença de três mulheres trans que estão na plateia e recebem o microfone para explicar que algumas falas durante o programa são equivocadas, como quando identificam as pessoas transexuais como aquelas que já passaram pela operação de redesignação sexual — que não é verdade, afinal as pessoas transexuais passam por um

longo percurso até, enfim, realizarem este tipo de interferência no corpo e algumas sequer desejam fazê-las — e explicar que a identidade de gênero nada tem a ver com a orientação sexual do indivíduo.

Na quarta temporada, exibida nos dois últimos meses de 2011, o programa lança a campanha “Não ao preconceito” e Fernanda faz uma intervenção: *“Seguinte, no Brasil, um homossexual é assassinado a cada 36h. Em um ano são 240 cidadãos mortos por causa de sua opção sexual. Somos oficialmente os recordistas mundiais da violência contra gays. Um país campeão nos esportes e na música, com tantas cores e tanta diversidade, não pode estar no topo dessa lista. A legalização da união civil entre gays foi um passo importante⁴, mas só com a criminalização da homofobia toda essa violência será detida. Vamos dizer não à homofobia. Não!”*

De imediato a intervenção parece bonita, mas ela é carregada de muitas desinformações. Por exemplo, o dado que diz que uma pessoa é assassinada a cada 36h é referente a pessoas LGBTI+ no geral, as pessoas que estão no topo da lista são as travestis — que podem ou não serem homossexuais, mas que são mortas por sua identidade de gênero e não por sua orientação sexual. Opção sexual é um termo que já caiu em desuso há pelo menos 20 anos e nem todas as pessoas LGBTI+ concordam com a criminalização da homofobia⁵.

Fase 2: nem só de heterossexuais cisgêneros é feito o mundo

A partir da segunda metade de 2012, pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneras passam a fazer parte do Programa de forma mais real. O quadro “vai ter que rebolar”, apareceu esporádicas vezes durante a existência do programa. Nele, alguma pessoa famosa é convidada a responder sobre como reagiria ao passar por algumas situações específicas. Na sexta temporada, o ator Alexandre Borges participa da brincadeira e suas respostas são comentadas por uma bancada formada por líderes religiosos: o padre Juarez de Castro, o lama Rinchen Khyenrab, o reverendo Marcos

⁴ A união homoafetiva foi reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal em 5 de maio de 2011.

⁵ Esta é uma discussão de política pública muito extensa, existem algumas vertentes do movimento LGBTI+ que acreditam que a criminalização da homofobia só seria mais um motivo para encarceramento de pessoas pobres, neste caso a saída para a redução dos casos de LGBTIfobia precisaria ser pela educação e não pela prisão.

Amaral e o Babalaô Ivanir dos Santos.

O primeiro tema que surge durante o jogo é o mercado de trabalho para mulheres travestis e transexuais. Por diversas vezes a apresentadora lembra o quanto é difícil para uma mulher travesti conseguir um emprego formal, mesmo assim o padre questiona, assim que é convidado a falar: *“por que a gente tem que identificar o travesti com a prostituição? Mas há muitos travestis que não se prostituem. O travesti, ele pode ter um outro trabalho que não seja a prostituição [...] a gente não pode dizer que a única maneira de ele viver é a prostituição. A prostituição, na verdade, tirando qualquer carga moral disso, a prostituição faz com que a pessoa seja destruída totalmente. Ninguém vai para a prostituição porque ela quer se prostituir. Então, na verdade, sendo ele travesti, heterossexual, homossexual... A prostituição será sempre roubar a sua dignidade...”*. Em seguida Fernanda anuncia que essa história é uma vivência real de uma das meninas que trabalhava na produção do Amor & Sexo e chama a transexual Bárbara Aires.

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 90% das Travestis e Transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda e apenas 0,02% das pessoas transgêneras conseguem chegar à universidade. Esses dados podem ser explicados por um outro: a idade média em que as travestis e transexuais são expulsas de casa é de 13 anos, conforme a ANTRA.

O mesmo quadro fala sobre a aceitação de casais homoafetivos e seus filhos pela igreja. Todos os líderes religiosos fazem discursos super simpáticos a isso e Alexandre Nero rebate: *“eu gostaria que os líderes religiosos fossem tão capazes de ouvir as pessoas sem gritar, sem impor nada, de uma maneira generosa com o próximo...”* e Chico Sá complementa *“inclusive, que eles falassem para a própria igreja deles - que não costuma ser essa bondade que estamos vendo aqui”*. Para responder, o reverendo argumenta que *“eu quero dizer a você que a sociedade tem que ter piedade da igreja, viu? É sério, porque eu morro de vergonha com a agenda religiosa - da igreja evangélica em particular. É uma agenda moralista. Os homossexuais são o quê? 3%? E quantas pessoas passam fome? A vergonha da educação brasileira e onde a gente viu a igreja evangélica levantar essa bandeira? A bandeira da educação. Mas se a gente fala*

de viado, ah, aí a gente se reúne e vai pra rua... Então é uma agenda moralista, que me envergonha como religioso”.

Entre os anos de 2012 e 2014, o programa passa por várias mudanças, a começar pelo cenário e pela logomarca. A presença de Regina Navarro Lins, psicanalista e estudiosa de relacionamentos, é uma das impulsionadoras dessas mudanças. A princípio os discursos da psicanalista são lidos como libertários demais, mas com o passar do tempo é possível perceber como a presença de Regina é essencial no processo de desconstrução dos preconceitos e paradigmas levantados pelo programa. Regina passa a fazer parte do Amor & Sexo em 2012. Nessa segunda fase do programa, também começa a existir uma relação mais fluida com o corpo, algumas cenas de nudez, e os discursos vão, pouco a pouco se tornando menos binários e ficando mais alinhados ao feminismo. Neste período também foram levadas ao ar formas diferentes de se viver o amor, à distância e relacionamentos abertos, por exemplo. Diferentes formas de viver a sexualidade também foram apresentadas, como as vivências do BDSM⁶, por exemplo.

Essa abertura para pautas até então tidas como tabu foram também resultado de um movimento fora da televisão. Desde 2012 o programa mostra ter uma relação próxima ao público da *web*, buscando, inclusive, incluir estas pessoas efetivamente no programa. Na segunda metade de 2012 o programa era transmitido ao vivo e os telespectadores podiam usar uma *hashtag* para comentar o programa, alguns *tweets* eram espelhados na TV.

Além da internet, o movimento das ruas também foi capaz de pautar o programa. No ano de 2013, aconteceram no Brasil as mais significativas manifestações desde o impeachment do presidente Collor. As mobilizações iniciadas com o intuito de barrar o aumento das passagens do transporte público em São Paulo ganharam o país todo e acabaram ecoando as vozes de diversos movimentos sociais. O “não é pelos 20 centavos” levou à aparição de diversas mobilizações de mulheres que reivindicam desde a legalização do aborto até a igualdade salarial, passando por debates importantíssimos como o alto índice de violência doméstica no Brasil.

Estas manifestações não pararam e já em 2015 o Brasil foi tomado pelo que a

⁶A sigla se refere a práticas sexuais que buscam o prazer através da troca erótica de poder. Por mais que muitas das práticas do BDSM envolvam dor, a relação é sempre consentida.

mídia chamou de “A Primavera das Mulheres”. O ano de 2015 iniciou com a aprovação da Lei do Feminicídio, sancionada em março pela então presidenta Dilma Rousseff, que colocou a morte de mulheres no rol de crimes hediondos. Neste mesmo ano as mulheres protagonizaram atos em defesa de seus direitos. A capital federal recebeu em agosto a Quinta Marcha das Margaridas, que reúne agricultoras, sindicalistas, indígenas e quilombolas desde o ano 2000; recebeu também a Primeira Marcha das Mulheres Negras “Contra o Racismo, a violência e pelo bem viver”, que reuniu mais de 10 mil mulheres.

A Primavera das Mulheres contou também com atos contra o ex presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha. Os atos chamados de “Mulheres Contra Cunha” eram contra o PL 5.069/2013, de autoria do ex presidente da Câmara. Estas mobilizações reuniram milhares de mulheres em diversas cidades do Brasil. Em 2016 algumas cidades também contaram com marchas contra o presidente Michel Temer, que vem causando inúmeros retrocessos para a população brasileira, em especial para as minorias políticas.

Estas manifestações recentes mostram uma nova face dos movimentos sociais, não só no Brasil, mas no mundo, que é a intersecção destes grupos. Apesar da dificuldade de compreender a posição do outro, os movimentos atuais têm buscado cada vez mais compreender as especificidades de cada subgrupo. O movimento LGBT e o movimento feminista se unem em muitas pautas, assim como os movimentos negros, que reivindicam cada vez mais a necessidade de trabalhar as suas demandas junto às outras minorias.

Figura 01: Evolução do Programa Amor e Sexo



Fonte: Autora

É na 9ª temporada, em 2016, que pessoas LGBTI+ passam a fazer parte do programa mais frequentemente, a começar por Dudu Bertholini, um dos estilistas mais famosos do Brasil na atualidade, que explica todas as questões sociais através da moda e das vestimentas. Outra pessoa importante para a mudança de paradigma do programa é a *Drag Queen* Pablio Vittar como vocalista da banda nas temporadas de 2016 e 2017.

Do primeiro ao quarto episódio dessa temporada vai ao ar o quadro *Bee Show*, onde três homens heterossexuais passam pelo desafio de se tornarem *drag queens* com o auxílio de tutores *drags* profissionais. Fernanda Lima apresenta o quadro como “*um jogo a favor da diversidade e da informação*”. Nele os rapazes passam por uma série de desafios, iniciando pela escolha no seu nome de *drag*, até a tarefa de andar com salto alto, vestir-se com roupas vinculadas ao feminino e aprender as gírias do mundo das *drag queens*.

Nesta temporada o programa cria uma relação maior com a plateia, que participa de desafios como beijar ou despir um desconhecido no palco. Em todas as brincadeiras deste tipo se faz a representação de relações hetero e homossexuais.

As questões transgêneras ganham espaço no último episódio da temporada. A transexual Lea T é convidada para participar da bancada do programa e outras 5 pessoas

com identidades transgêneras ou não binárias aparecem no programa para falar sobre sua identidade de gênero. Antes disso Fernanda Lima lembra que a sociedade está passando por um momento de transição, onde está se buscando o fim das coisas binárias — o que é de homem e o que é de mulher. A primeira identidade citada é o gênero fluido — o qual permite a fluidez entre o que é considerado masculino e feminino de maneira natural. Outras identidades apresentadas neste programa foram: mulher trans, mulher trans andrógina e o terceiro sexo - como uma das convidadas prefere se definir.

Fase 3: posicionamento e somos todos seres políticos

“*Eu não sou homem, nem mulher, nem trans. Eu sou Letícia Lanz*” é assim que a psicanalista curitibana se descreve no episódio de 23 de fevereiro de 2017. Fernanda Lima perguntou se ela teve que enfrentar muitos tabus durante a vida e ela diz que sim, vários, inclusive por ter nascido macho. A apresentadora completa “*você nasceu homem*” e ela responde “*não, eu nasci macho! Homem é gênero*”. O episódio trata sobre questões geracionais e toca em assuntos como drogas, amor livre, mudanças e retrocessos da sociedade nos últimos 50 anos.

O episódio da semana seguinte é o mais *LGBTQIfriendly* da temporada. Participam dele: Liniker, as Bahias e a Cozinha Mineira (Raquel e Assucena), MC Lin da Quebrada, as *drags* do quadro *Bee Show*: Aretuza Lovi, Sarah Mitch e Glória Groove, Lorelay Fox e André Fischer.

Fernanda Lima começa o programa dizendo: “*vocês pediram e o Bee Show voltou! Para festejar aqui no palco a luta pelo orgulho LGBT no Brasil. Uma luta onde nem as purpurinas e lantejoulas escondem as mortes e os hematomas que a violência do preconceito e da discriminação deixaram e ainda deixam nessa comunidade. Uma luta que pertence a todos que acreditam em uma sociedade a favor da igualdade de direitos civis, da liberdade, da diversidade, da paz e do amor*” Depois, Fernanda explica a diferença entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual e completa “*isso não é de hoje, isso não é coisa de moda, isso não é papo do Amor & Sexo... Essa diversidade sempre existiu, ao longo de toda a nossa história. A diferença é que hoje as pessoas não precisam viver escondidas ou frustradas por não poderem ser como se sentem de*

verdade. O mundo vem mudando, ouvindo outras vozes, afinando o pensamento e multiplicando a possibilidade de vivê-lo em plenitude".

O último programa da temporada falou sobre identidades de gênero: “*a Comissão de Direitos Humanos em Nova York decidiu por oficializar essa multiplicidade, então no lugar de duas ou três identidades oficiais, a Comissão - com o propósito de garantir direitos a todos ampliou a lista para nada menos que 31 nomenclaturas de gênero*”, disse Fernanda Lima para iniciar uma discussão sobre as identidades.

O episódio também convida pessoas para falarem sobre suas iniciativas para ir contra o preconceito, entram em cena as meninas do Canal das Bee⁷ e o idealizador do documentário Bichas⁸. No final do programa a apresentadora comenta que mulheres trans e travestis também podem denunciar agressões através da Lei Maria da Penha e lembra que o canal de denúncia é o 180.

Em 2017 todos os programas da temporada têm preocupação com a representatividade e os textos são criados com o objetivo de naturalizar discursos pouco abordados pela mídia. O discurso de Fernanda Lima passa sempre a ideia de que não basta ser feminista, ser anti-racista, é necessário pensar a intersecção entre as opressões sofridas pelas minorias políticas. Também é em 2017 o programa ganha também a direção de Daniela Gleiser, o que pode ter contribuído para a ascensão de discursos feministas e LGBTI *friendly*.

Nesta última fase do programa a relação com existe uma forte ligação com produtores de conteúdo para internet. Nas temporadas anteriores os convidados para o programa eram, quase sempre, estrelas globais. Desde 2016, os convidados parecem ter vindo de uma seleção da internet, famosos por blogs, canais ou no entretenimento voltado à diversidade.

⁷ O Canal foi criado por duas garotas, Jéssica (lésbica) e Débora (bissexual) para falar sobre suas vivências na internet. Disponível aqui: <https://goo.gl/Nj4Dmm>

⁸ O documentário Bichas fala sobre a vivência homens homossexuais na cidade de Recife (PE). Disponível aqui: <https://youtu.be/0cik7j-0cVU>

CONSIDERAÇÕES

Nesses 10 anos, pode-se dizer que o programa foi buscando melhorar ou adequar a forma como trata das questões de gênero e sexualidade, como quem evidencia o seu próprio processo de aprendizado. As questões de gênero e sexualidade passaram a ser discutidas com mais afinco nas Universidades, nas ruas e também na mídia, em um processo onde todos aprendem juntos e auxiliam no processo de criação da identidade.

Com a chegada da 10ª e 11ª edição do Programa, ele se estabeleceu com um posicionamento político muito claro, ao lado das minorias políticas. Este posicionamento deu lugar a algumas inimizades, por exemplo, com os fãs de Jair Bolsonaro, que organizaram um boicote ao programa na sua estreia em 2018.

É importante considerar, como sinaliza Foucault (1988), que falar sobre sexualidade — especialmente em um espaço como a TV aberta —, é assumir a responsabilidade de criar um lugar de interlocução que disputa com outras tantas instâncias de poder, é a possibilidade de criar uma narrativa sobre a sexualidade e sobre os corpos, inclusive os marginalizadas.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 16. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Thomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Sexual and Reproductive Health**. WHO, 2006. Disponível em: https://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/en/
Acesso em: 08 maio 2019.

YOSHINO, Kenji. **The epistemic contract of bisexual erasure**. 2000. Disponível em: https://www.ilga-europe.org/sites/default/files/yoshino_2000_the_epistemic_contract_of_bisexual_erasure.pdf. Acesso em: 08 maio 2019.